

ÁLVARO DE CAMPOS UM CAMPO DE EXPERIMENTOS E RECEPÇÃO

Iran Nascimento Pitthan (UNIPLI e UCAM)

Álvaro de Campos é o heterônimo de Fernando Pessoa mais audacioso no sentir de quaisquer emoções. Personagem indiscutivelmente dramático, através dele é que Pessoa pôde exprimir sua insatisfação e suas posições frente a todos os acontecimentos, demonstrando exagerada sensibilidade no relacionar-se com tudo. Com olhos atentos aos movimentos do mundo, é um ser extremadamente reativo ao que se apresenta como o novo do Novo, o que faz interessante sua posição audaciosa diante da vida, traduzida na sua obra. É o poeta das cições mais radicais, mais totais, todo fragmento. De uma ironia cortante e humor apurado, constrói uma escritura extremamente atraente.

A poesia de Campos é a de todos os caminhos de experimentação que se fazem possíveis. Ele é aberto aos tumultos psicológicos, capaz de mergulhos vertiginosos nos campos mais ou menos escuros do cotidiano. Segundo Deleuze / Guattari (Vol. III, p. 11), onde a psicanálise diz para parar e reencontrar o eu, seria preciso dizer para ir mais longe, pois o eu ainda não se desfez suficientemente. Deve-se, então, substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação, porque isso seria uma questão de vida ou de morte, como tudo se decide, tristezas e alegrias, juventude e velhice.

De maneira sempre original, Álvaro de Campos vê, ouve e sente as coisas e as pessoas, segue por desvios, trava embates, sorri aos vícios. É o interior de uma exterioridade dese-

jada, um precipitar-se constante em busca de um sistema, querendo ocupar o tempo e o espaço na plenitude do sentir. Essa totalidade buscada por ele pode ser vista como mote para os devaneios de recepção e entrega do próprio eu, na vastíssima gama de situações possíveis a um ser capaz de rolar todos os dados e pagar para ver. Ver e experimentar parecem ser o devir-Campos. Dos heterônimos de Fernando Pessoa, ele é o único que passa por um processo evolutivo e podemos detectar facilmente, nessa linha evolutiva, um processo de ebulição na segunda fase, uma vitalidade transbordante que condena o ser decadente da fase anterior, de “Opiário”.

É nesse segundo estágio, com a descoberta do futurismo, influenciado por Walt Whitman e por Marinetti, que Campos se entrega a um “vasto espasmo passivo” (COELHO, 1977: 72), a ânsia de se *roçar* pelas máquinas, que respira lubricidade. E o que nos interessa aqui é detectar justamente esse seu amor fraterno por tudo, amor que abrange campos recônditos do *ser* e do *poder*. Um poder de *ser*, de aceitar o outro na sua inteireza, de *aceitar* tudo. Essa curiosa forma de estar no mundo, sem reservas, audaciosamente, é que aproveitamos como viés para uma breve leitura de “Passagem das Horas”, essa interessante ode.

O amor incondicional do poeta por tudo e por todos está intimamente ligado ao sensacionismo de que é o maior representante. Antes de qualquer coisa, a vibração de todos os nervos e, para isso, a porta aberta a qualquer devir, que é também o processo do desejo, são os impulsos do inconsciente, a volúpia de ser objeto e vítima. O processo de desejo de Campos é um puro devir-outro, num corpo-sem-órgãos onde ele produz “...um fora criando multiplicidades e superfícies que as intensidades percorrem sem entraves” (GIL, 1999, p.78), com intenções de desenvolver outros foras e dentro, capazes de se desprender territórios que possam cercar ou fornecer exagerada segurança. Para Deleuze e Guattari, o corpo-sem-órgãos

não é uma noção ou um conceito, mas uma prática, um conjunto de práticas. É um limite no qual não se acaba nunca de chegar, a necessidade do desassossego para evitar a cristalização imposta por um ou outro sistema, o ser artista do seu próprio desejo e saber-se salvador de sua própria salvação.

Na passagem do tempo dessa *passagem das horas*, o devir-Campos de Pessoa é uma constante extração das partículas onde se instauram todas as relações de velocidades e lentições, movimento e repouso, num inteiro processo de desejo. Suas viagens o aproximam, o avizinham de uma microfemilidade, criando uma mulher molecular, um grande útero de recepção, um mata-borrão de sentimentos.

O poeta Álvaro de Campos *nasceu*, ou apareceu, por volta de 1914, originado provavelmente de Alberto Caeiro e tendo como *irmão* Ricardo Reis. Uma *família* composta apenas de homens, todos os heterônimos ou semi-heterônimos de Fernando Pessoa, alguém que talvez buscasse encontrar o pai, perdido na infância, e acabou se condenando a uma completa cisão do eu. Nessa cisão coube ao heterônimo Álvaro de Campos a expressão do lado moderno, a impulsividade, o paganismo, os nervos retesados e as antenas para as impressões do dia-a-dia, para o corriqueiro, para o lado escuro e vicioso do ser:

Vivi dentro de todos os crimes
(Eu próprio fui, não um nem o Outro no vício,
Mas o próprio vício-pessoa praticado entre eles...)
(PESSOA, 1986: 275-288)

Álvaro de Campos é uma espécie de infraego que funciona para exprimir as sensações mais fronteiriças de Pessoa, os paroxismos, a *hybris*, e simultaneamente o sensacionismo levado até o extremo, sendo uma pessoa inconformada, tomando posições políticas e críticas em relação às circunstâncias do momento. É a versão mais ousada e mais progressista de Fernando Pessoa e é indiscutível sua intenção de transubstanciar em palavras a verdade das coisas, uma realidade apre-

endida pelas sensações. Sua filosofia é uma filosofia que não consegue ignorar nada do novo que vai se fazendo.

Como um engenheiro, vive o progresso das máquinas, as velocidades, o futurismo. Poderia se dizer que, como numa imitação do Deus-artista de Nietzsche - aquele que fabrica mundos, Campos se permitiu tudo, os experimentos, as direções, as viagens, os caminhos, todas as sensações, as faces e as audácias, vivendo a eternidade num só momento, revelando-nos a grandiosidade da sua monomultidão:

Multipliquei-me, para me sentir,
Para me sentir, precisei sentir tudo,
Transbordei, não fiz senão extravasar-me,
Despi-me, entreguei-me,
E há em cada canto da minha alma um altar a um deus diferente.

E é também como o engenheiro que escreve, descrevendo as tantas viagens, algumas que fez e outras que não fez. Utiliza uma linguagem cotidiana, próxima do coloquial, misturando termos de teor psicológico / metafísico com palavras de conteúdo trivial, dando liberdade ao pensamento, imprimindo as emoções vivas do delírio da imaginação, comunicando tamanha febre avassaladora na repetição, nas aliterações ou nas rimas interiores, além da enumeração que leva à integração do diverso no Todo.

Meu coração postigo,
Meu coração encomenda,
Meu coração carta, bagagem, satisfação, entrega,
Meu coração à margem, o limite, a súmula, o índice...

As tantas oposições e/ou antagonismos nos oxímoros estabelecem as contradições desse eu caótico em processo:

A direção constantemente abandonada do nosso destino,
A nossa incerteza pagã sem alegria,
A nossa fraqueza cristã sem fé,
O nosso budismo inerte, sem amor pelas coisas nem êxtases,
A nossa febre, a nossa palidez, a nossa impaciência de fracos...

As cisões, de que fala José Gil, são profundas em Álva-

ro de Campos. As verdadeiras cisões são firmadas através de duplos, figuras mais simplórias e despidas de brilhantismos, comuns no seu meio, podendo, diante delas, sobressair-se. É o personagem da metafísica pela não metafísica, a metafísica pelo avesso. Há, em Campos, uma falsa desterritorialização, tendo como contraponto uma reterritorialização permanente, pois sempre a viajar, nunca sai do mesmo lugar, estando cada vez mais amarrado ao sítio de referência.

Para ele, a sensação ultrapassa o objeto sentido que lhe serve de ponto de partida, pois o dado da sensibilidade é levado a uma gestão intelectual, verificando o processo por nós definido de subjetivação da objetividade, “...experimentei mais sensações do que todas as sensações que senti...”. Através desta visão amoral do poeta, detectamos uma propensão louca à voluptuosidade sadomasoquista, é a parte passiva de Fernando Pessoa, o feminino, diante da matéria:

Porque, de tão interessante que é a todos os momentos,
A vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger,
A dar vontade de dar gritos, de dar pulos, de ficar no chão, de sair
Para fora de todas as casas, de todas as lógicas e de todas as sacadas,
E ir ser selvagem para a morte entre árvores e esquecimentos,
Entre tombos, e perigos e ausência de amanhã,
E tudo isto devia ser qualquer outra coisa mais parecida com o
que eu penso,
Com o que eu penso ou sinto, que eu nem sei qual é, ó vida.

Tudo é o que é, mas deveria ser diferente, porque o diferente é o marginal, o que está além das marcas permitidas, o que não acata e não permite abafar voz e impulsos, por isso rasga contratos e rompe todas as convenções em busca da surpresa sua e do outro. A própria vida até, vivida surpreendentemente nesse acordo tácito de insuportáveis convenções. De forma muito mais contundente, sem subterfúgios de construção, com total ousadia, o poeta segue:

Eu podia morrer triturado por um motor

Com o sentimento de deliciosa entrega numa mulher possuída
Atirem-me para dentro das fomalhas!
Metam-me debaixo dos comboios!
Espanquem-me a bordo de navios.
Masoquismo através de maquinismos!
Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho!

(PESSOA, 1976: 240 ss.)

Personagem metafísico, Campos tem posições claramente definidas diante da vida. Entre a segurança criada pela acumulação e o desvio ocasionado pelo impulso, ele não tem dúvidas, parte-se, reparte-se, divide-se para melhor sentir e encontra prazer ao constatar que não existe a totalidade, não existe a paz, nem aqui, nem lá, nem no sólido, nem no quântico. Suas cisões são de extremos e vão de um lado ao outro:

Eu acho que não vale a pena Ter
Ido ao Oriente e visto a Índia e a China.
(...) há só uma maneira de viver...
Sou um convalescente do Momento...
Moro no rés do chão do pensamento....

(PESSOA, 1986: 235 ss.)

Álvaro de Campos não é homem superior, ele é essencialmente o último homem, aquele que se sabe lúcido, e que louco não enlouquece, como diria Sá-Carneiro. Parece que é um poeta fora-de-si, mas na realidade é o poeta mais dentro-de-si de todos os heterônimos de Pessoa.

Campos tenta desconstruir tudo o que se apresenta: política, religião, metafísica, mas no fundo regressa a tudo isso. Mais se vira pra fora e mais se descobre por dentro. Um sem fundo, o teórico do sensacionismo. Percorre o caminho da subjetivação da objetividade, pois nele o pensamento é posterior à sensação. Primeiro o sentir, depois, só depois, o pensar.

Ele é capaz de todas as sensibilidades. Um campo de passagem a quaisquer experimentos, uma estrada aberta às sensações mais diversas. Nele, há uma exterioridade que pesa demais na interioridade, a referência ao corpo é seguida de re-

ferências que pensam e sentem o corpo. É um sentir da alma sobre o corpo que se dá na sua escrita, um sentimento que cria a náusea e a angústia do ser. Uma eterna insatisfação com o Todo, um eterno buscar de uma completude que nunca se dará, e a consciência disso. A mesma dorida consciência que aparece em Artaud, quando diz que não está querendo encontrar nada, “mas sim: 1º evadir-me do ser; 2º continuar minha marcha fora dele; 3º marcha que não tem como objetivo o infinito / mas escava o infinito / indefinidamente”.

Nesse heterônimo encontramos a volúpia que Fernando Pessoa não se permitia como indivíduo social preso às regras. Nele, todas as audácias e as transgressões, todos os pecados se deram, se não praticamente, ao menos onde a liberdade se faz total: no campo dos pensares. Álvaro de Campos era um pensador, todas as viagens virtuais e as escuridões, todos os caminhos e os sentimentos poderiam ser tocados ou experimentados por ele como exercício de vida, numa proliferação de multiplicidades. Porque tamanha a lucidez, a razão, e também a espontaneidade, e a inconsciência no romper do invólucro individual de padrões impostos pela sociedade e pelos valores mais arraigados do comportamento:

Trago dentro do meu coração,
Como num cofre que se não pode fechar de cheio,
Todos os lugares onde estive,
Todos os portos a que cheguei,
Todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias,
Ou de tombadilhos, sonhando,
E tudo isso, que é tanto, é pouco para o que eu quero.

(PESSOA, 1986: 275-288)²

Esse *ser* é aberto a todas as emoções sem jamais chegar à saciedade, estrada infinita, passagem de todo e qualquer movimento. Álvaro, alvar, alva: a própria anteaurota esperando

² Esta e as próximas citações são de PESSOA, 1986: 275-288.

que resplandecem sóis nas conflituosas e obscuras vias do prazer: audacioso espaço aberto às acelerações do moderno, vertiginosa e indiferenciada velocidade,

com todos os meus sentidos em ebulição com todos os meus poros em fumo, que tudo é uma só velocidade, uma só energia, uma só divina linha... (*Id., ib.*)

É o permitir-se a tudo e perder-se nas alucinações do éter, "... todas as pessoas giram dentro de mim...", demonstrando a capacidade de entrega e rendição de Álvaro de Campos. É um deixar-se conduzir num acolhimento totalizante de ser, abertura a todos os devires e por isso de imensa receptividade e / ou passividade. Expõe-se como o ser mais entregue à satisfação do próprio desejo que se espelha no outro. O desejo do outro, sobreposto ao seu próprio desejo, é capaz de servir a impensáveis desvios propostos, sem titubear em dúvidas ao quedar-se à vertigem do experimento. Campos se faz um espaço / sítio de isolamento de diferentes energias. Como um grande sumidouro, sua avidez recebe e parece querer neutralizar todo sentimento e pecado do mundo. Faz-se o espaço de neutralização, ali onde qualquer pessoa pode findar-se dormente:

À *moi*, todos os objetos projéteis!
À *moi*, todos os objetos direções!
À *moi*, todos os objetos invisíveis de velozes!
Batam-me, trespassem-me, ultrapassem-me!
Sou eu que me bato, que me trespasso, que me ultrapasso!
A raiva de todos os ímpetos fecha em círculo-mim! (*Id., ib.*)

É aquele que quanto mais recebe mais ousa, quanto mais bebe do horror mais parece projetar-se para dentro de si. Sua "imensa mágoa do mundo" o coloca impotente diante dos horrores da vida e esse sentimento de proteção ao outro se alastra em variadas direções, como uma grande trincheira, a necessidade da entrega, do doar-se, um sentimento todo feminino e quase materno, um ferir-se para não ferir. Um grande colo centralizador e gerador de paz para as dores do mundo em detrimento do próprio bem estar.

Estreito ao meu peito arfante, num abraço comovido,
(No mesmo abraço comovido)
O homem que dá a camisa ao pobre que desconhece,
O soldado que morre pela pátria sem saber o que é pátria...
(*Id., ib.*)

Faz-se dono da direção dos próprios sentimentos, podendo concedê-los como melhor lhe convém, sem obrigações, sem continências, sem enquadramentos aos padrões arraigados de qualquer sociedade ou religião:

E eu simpatizo com tudo, vivo de tudo em tudo.
São-me simpáticos os homens superiores porque são superiores,
E são-me simpáticos os homens inferiores porque são superiores também,
Porque ser inferior é diferente de ser superior,
E por isso é uma superioridade a certos momentos de visão.
Simpatizo com alguns homens pelas suas qualidades de caráter,
E simpatizo com outros pela sua falta dessas qualidades,
E com outros ainda simpatizo por simpatizar com eles,
E há momentos absolutamente orgânicos em que esses são todos os homens.
Sim, como sou rei absoluto na minha simpatia,
Basta que ela exista para que tenha razão de ser. (*Id., ib.*)

O contato com o outro se faz sem prévia avaliação ou valores que possam interferir nessa possibilidade de nova sensação. E quais são os caminhos para a redenção? Do oprimido ao opressor, da vítima ao pária, do nobre perfumado e perdido ao andrajoso que se encontrou no lixo, todos, sem exceção, merecem esse grande e infundável amor, e fazem parte desse ousado e impetuoso jogo sadomasoquista:

... o matricida, o fraticida, o incestuoso, o violador de crianças,
O ladrão de estradas, o salteador dos mares,
O gatuno de carteiras, a sombra que espera nas vielas –
Todos são a minha amante predileta pelo menos um momento na vida.
Beijo na boca todas as prostitutas,
Beijo sobre os olhos todos os *souteneurs*,
A minha passividade jaz aos pés de todos os assassinos,
E a minha capa à espanhola esconde a retirada a todos os ladrões.
Tudo é a razão de ser da minha vida. (*Id., ib.*)

O *ser* Álvaro de Campos é ativo na passividade da acei-

tação do outro, sem necessidade de prévias avaliações, sem níveis diferentes de contato, tudo se mesclando como num grande caldeirão, uma Sodoma capaz de igualar a todos quando nus, numa permissividade total e absoluta:

Todos os chamamentos obscenos de gesto e olhares
Batem-me em cheio em todo o corpo com sede nos centros sexuais.
Fui todos os ascetas, todos os postos-de-parte, todos os como que esquecidos,
E todos os pederastas - absolutamente todos (não faltou nenhum).
Rendez-vous a vermelho e negro no fundo-inferno da minha alma!
(*Id.*, *ib.*)

Que vibrações povoam as imensidões por onde se encontra e se perde Álvaro de Campos? Que partículas são emitidas pelo próprio Fernando Pessoa e que entram em relação de movimento e repouso, capaz de esboçar ou mesmo criar a mulher molecular? Nem imitar nem tomar a forma que o próprio Pessoa tanto temia em relação ao corpo, mas o aguçar de sensibilidades que eram provavelmente negadas na sua nascente e que acabaram por secar todo o fluxo dos sentidos mais apurados do andrógino antes da separação, onde temos a dualidade do *animus* e da *anima*, a dádiva e a receptividade, o símbolo da totalidade.

O masculino e o feminino são apenas um dos aspectos de uma multiplicidade de opostos e a bissexualidade “não é um conceito melhor que o da separação dos sexos” (DELEUZE / GUATTARI, 1997: .68). A única maneira de sair dos dualismos é não parar de devir, é estar-entre, passar entre, nessa mal explicada organização binária dos sexos, pois “a sexualidade são devires incontrolláveis” (DELEUZE / GUATTARI, 1997: 72) e saber amar, mesmo o dito amor fraterno não seria permanecer homem ou mulher e sim extrair os “n” sexos que afloram e constituem o ser, “...Eu de cabeça pra baixo no centro da minha consciência de mim...”

Toda a inversão das ocupações do ativo e do passivo, a posição do masculino e a “suposta” submissão do feminino,

pode ser percebida no jogo de palavras e na forma como elas são dispostas, a aliteração, o verso crescente e a palavra empregada, estabelecendo um ritmo copulativo que aponta o acme do orgasmo sugerido pela ação do sádico: “Eu que só me contentaria com calcar o universo aos pés / Calcar, calcar, calcar até não sentir...” e que se desdobra num outro jogo possível de leituras, a colocação sem pausa e sem vírgula da composição do verso, transformando-se. Ou, se vista pela voz da mulher, confirmando essa tônica do feminino paciente, o que sofre a ação, tão presente na obra do poeta: “Cavalgada eu(,) cavalgada eu(,) cavalgada o universo-eu.”. Que montaria, que subserviência é essa? Uma montaria que permite o lúdico vaivém do prazer e que, no galope da sexualidade, aponta a renovação. O cavalo é símbolo do psiquismo inconsciente, arquétipo próximo ao da Mãe, memória do Mundo, ou ao do Tempo, ligado aos grandes relógios naturais, ou ainda à impetuosidade do desejo presente em qualquer tempo diante da incontabilidade da passagem das horas.

É a experimentação com voracidade de todas as probabilidades oferecidas pela vida, tentando apropriar-se do momento para melhor avaliar o mundo. Realiza-se, no poema, segundo José Gil, uma extraordinária proliferação de multiplicidades, o ser e o não-ser do Um e do Outro, o Nada sendo o Tudo ou o inverso disso, a concretude como vertigem. Constrói-se, em Álvaro de Campos, um Corpo Sem Órgãos, plano de imanência onde se dissolve o sem-fundo da subjetividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTAUD, Antonin. *Suppôts e supplications*. In Oeuvres Complètes. Paris: Gallimard, 1976, v. XIX.

COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. São Paulo: EdUSP. 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs - capi-*

talismo e esquizofrenia, Vol. III e IV. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.

GIL, José. *Diferença e Negação na Poesia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Relógio D'Água Editores. 1999.

GÜNTERT, Georges. *Fernando Pessoa, o Eu Estranho*. Lisboa: Ed. 14P. 1982.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

VARELA, Maria Helena. *O Mestre e o Mensageiro no paganismo transcendental de Fernando Pessoa*. Cópia Mimeo. UFF, 1999.